

Sabiá, a ave nacional do

Decreto de 1968 foi substituído pelo que começou a vigorar em 2002

Trinta e quatro anos se passaram até que importante posto fosse ocupado pelo seu dono de direito, a criaturinha de temperamento dócil, que canta e inspira – o sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*), pássaro brasileiro, escolhido para ser a ave-símbolo do Brasil. Em toda a sua simplicidade, ela vai juntar-se aos outros quatro símbolos nacionais – a bandeira, o hino, o brasão de armas e o selo. Terá a mesma importância deles na representação do Brasil.

Nação representada por uma ave não é novidade (veja quadro, nas páginas 8 e 9). A vaga

brasileira, porém, só foi preenchida em 2002, pelo decreto de 3 de outubro que instituiu o sabiá-laranjeira como ave-símbolo nacional, evento a ser comemorado no dia 5 de outubro de cada ano, o Dia da Ave.

Imortalizado na “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias, o sabiá-laranjeira mede cerca de 25 centímetros, tem plumagem parda, com exceção da região do ventre, destacada pela cor vermelho-ferrugem, levemente alaranjada, e bico amarelo-escuro. No reino de sua majestade, machos e fêmeas não apresentam diferenças

aparentes e ambos têm a incumbência de construir o ninho.

O sabiá, que pode viver entre 25 e 30 anos, migra para regiões mais quentes no inverno, voltando para o ponto de partida sempre que o calor o convida. Segundo Johan Dalgas Frisch, engenheiro formado pelo Mackenzie, com carreira de renome na ornitologia são 12 as espécies de sabiás no Brasil, sendo que o pássaro assume outras denominações em regiões diferentes. Assim, ele tanto pode ser caraxué (AM), sabiá-coca (BA), sabiá-laranja (RS) e ainda sabiá-de-



O sabiá vive também nas matas ribeirinhas, como a do rio São Benedito (PA). No mapa da América do Sul, a cor alaranjada assinala extensa região de maior incidência da espécie (detalhe).

Brasil

Fonte: Revista Mackenzie
Ano IV - Nº 22 - 2003 - Pág. 6.

barriga-vermelha, sabiá-ponga e sabiá-piranga em lugares diferentes.

De hábitos simples, o pássaro não faz cerimônia para comer: “O sabiá-laranjeira tem alimentação mista – tanto consome vermes e insetos nos bosques e florestas, quanto pode ser encontrado nos quintais, nutrindo-se de pequenos frutos. Aprecia também minhocas – tem um tino incrível para localizá-las – e, como sobremesa, gosta de pitangas, frutos da aroeira, palmito doce, bananeira, figueira, amoreira, mamoeiro, goiabeira, cajueiro, ameixa-amarela, sementes de magnólia e laranja, cuja casca perfura para atingir a polpa açucarada”, revela o pesquisador.

O pássaro, que no Nordeste é tratado como “a sabiá”, foi escolhido entre quase 2.000 espécies, causando divisão na preferência dos ornitólogos. Alguns achavam que a ararajuba deveria representar o país, pela coloração verde e amarelo, identificada com as cores do Brasil; outros foram cabos eleitorais do tucano, devido à associação que a ave tem com os trópicos; outros ainda queriam um pássaro de canto mais raro. “Não é só beleza, ou só trinado mais harmonioso que conta para ser ave-símbolo de um país”, afirma Dalgas. “É preciso fazer parte da cultura, do folclore, Ter presença na literatura, na poesia, na música e viver perto das pessoas. O coleirada-serra-do-mar canta melhor que o sabiá-laranjeira. Todavia, o sabiá se aproxima das pessoas, é um companheiro do homem que vive no campo ou na cidade. Não adianta uma ave-nacional com a qual o povo não tem contato”, avalia o ornitólogo. E prossegue na defesa do canto do seu preferido: “O sabiá tem a qualidade do som. Não existem, dois sabiás com a mesma música. O som dele é mais auditivo ao homem, está dentro da faixa auditiva mais agradável”. E continua: “Na primavera, é o primeiro canto que se ouve, antes mesmo de clarear o dia. O Mackenzie está cheio de sabiás-laranjeiras

voando pelo pátio. É a ave que inspira os jovens, declama.

A instituição do Dia da Ave e a indicação do *Turdus rufiventris* para ave-símbolo nacional tem muito a ver com a dedicação do mackenzista Frisch. Em 1968, ele defendeu com êxito a criação do Dia da Ave mas, por uma falha na redação do texto do decreto nº 63.234, a ave representante não foi incluída. Em 1987, fez-se a tentativa de corrigir o texto do decreto, grafando o nome do sabiá como a ave escolhida para ser símbolo do Brasil. Desta vez, faltou dizer na edição reformulada o nome científico da ave. O país continuou sem ave-símbolo!

Dois anos depois, o escritor Jorge Amado já manifestava seu apoio à “causa” do sabiá-laranjeira. Mais tarde, em agosto de 2002 a ave obteve 91,7% dos votos em enquete do jornal Folha do Meio Ambiente. Finalmente, em 2002, o então presidente Fernando Henrique Cardoso revogou o decreto de 1968, proclamando de maneira inequívoca o sabiá-laranjeira como a ave-símbolo e a ave nacional do Brasil, e mantendo o 5 de outubro como o Dia da Ave. O gesto atendeu aos apelos dos ministros Chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, Euclides Scalco, de Estado da Educação, Paulo Renato de Souza, do Meio Ambiente, José Carlos Carvalho. E dos membros da Associação de Preservação da Vida Selvagem, que tem Dalgas Frish na presidência e como sócios os empresários Rogério Marinho (O Globo e Extra), e Ciro Porto (EPTV/Globo), o vice-presidente.



Canção do Exílio

Gonçalves Dias

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá,
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossa várzea tem mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá,
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá,
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu
Morra,
Sem que volte para lá,
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá,
Sem qu'inda aviste as
Palmeiras,
Onde canta o Sabiá.*

Coimbra – Julho, 1843

Antonio Gonçalves Dias, poeta, professor, crítico de história, etnólogo, nasceu em Caxias, MA, em 10 de agosto de 1823, e faleceu em naufrágio no baixio dos Atins, MA, em 3 de novembro de 1864. É o patrono da Cadeira nº 15 da Academia, por escolha do fundador Olavo Bilac. Era filho de João Manuel Gonçalves Dias, comerciante português, natural de Trás-os-Montes, e de Vicência Ferreira, mestiça.

